

No sentido contrário à Sala das Ossadas, temos o Salão do Guardião, que é uma coluna colada à parede de aproximadamente 30 m de altura. Pela mesma, escorre água em grande quantidade. Na parte mais baixa deste salão encontra-se um leito antigo, coberto por pedregulhos com água temporária, porém não dá continuação à caverna. Do lado esquerdo deste salão se encontra o verdadeiro desenvolvimento da gruta; consiste em primeira parte de um longo túnel com paredes verticais escavadas por água, vendo-se várias camadas de estratificação do calcário; passando em seguida por uma passagem estreita do lado direito, chega-se ao Salão do Buda, que tem seu teto em forma de abóboda com aproximadamente 45 m de altura. O Salão é bem ornamentado, especialmente por colunas brancas e avermelhadas, fazendo um bonito contraste. Quase metade do chão é formado por piso calcificado, como se fosse uma enorme cascata de pedra. O lado leste do Salão apresenta grande desmoronamento, no fundo do qual está o leito seco do córrego. Uma formação característica calcificada é uma espécie de coluna oca em forma de um sino ou capela, com diâmetro interno de aproximadamente 1,5 m × 1,5 m. Chama-se Capela do Buda.

Prosseguindo na direção geral do desenvolvimento da caverna, temos um chão e o teto inclinados, com fratura de aproximadamente 30° oeste apresentando no teto inúmeras fendas, que deram origem a milhares de helictites e estalagmites de formas mais curiosas. No fundo da gruta encontra-se ainda vulcões, formações pouco comuns. Aparentemente, apresenta uma crosta de barro solidificado; não queríamos quebrar nenhum, assim não vimos sua formação interior. O chão ao redor também é de argila proveniente das águas de chuva, vindas pelos dois túneis laterais. A gruta merece novas explorações à procura de novas galerias.

---

## CAVERNAS DO OURO GROSSO

Clayton Ferreira Lino - CEU

Sábado - 1.º de setembro de 1973

Eram 7:10 hs e da plataforma 25 da Rodoviária de São Paulo saía o ônibus rumo a APIAÍ, abarrotado de mochilas, e sete passageiros eram espeleólogos do Centro Excursionista Universitário.

No mesmo horário, saía da sede do C.E.U., um volks com mais dois participantes e outro exagero em bagagem. Na 2.ª feira mais dois se uniram a eles. Assim começa a história da exploração e conquista da Gruta Ouro Grosso.

O planejamento da expedição já era bem anterior e os preparativos da mesma se estendiam em termos de técnicas de alpinismo, curso de primeiros socorros, estudo de cardápio... etc... Mais antiga ainda é a história da Gruta, que conhecida oficialmente desde o século passado (Krone), vem desafiando e frustrando aqueles que tentaram atravessá-la.

Em 1968, Michel Le Bret e companheiros fizeram a primeira conquista importante, atingindo a gruta pelo abismo próximo ao sumidouro do córrego Ouro Grosso. Esse abismo com um total de 113 m de desnível com lances livres de até 40 m, recebeu em cadastro a sigla SP-56 e o nome do seu conquistador.

Já as explorações pela Gruta Pierre, cuja entrada fica a poucos metros da ressurgência do rio, sempre se viram frustradas por obstáculos que variavam entre "Quebra-corpos" e passagens estreitas, até poços de natação e cachoeiras.

O Clube Alpino Paulista (CAP) já havia atingido e ultrapassado a "cachoeira do Leque", a 160 m da entrada. O C.E.U., em expedição feita em 1973, parou no entanto, a menos de 50 m dela, em uma cachoeira de 7 m que parecia impossível de ser escalada. Depois disso o C.E.U. só tivera expedições de reconhecimento, biologia e geologia.

Na expedição de setembro de 1973 planejamos para o domingo uma excursão de treinamento aos novatos na Gruta Alambari de Baixo. Já na segunda-feira enquanto uma equipe especial cuidava dos preparativos para Ouro Grosso, inclusive a construção de uma escada de madeira que nos ajudaria a ultrapassar a 1.ª grande cachoeira, o restante dos participantes desenvolviam trabalhos na Gruta Alambari de Cima.

Como o rancho da S.E.B. estava ocupado por outro grupo, acertamos com um morador da região que se dispôs em nos alugar uma casa sua que estava vazia.

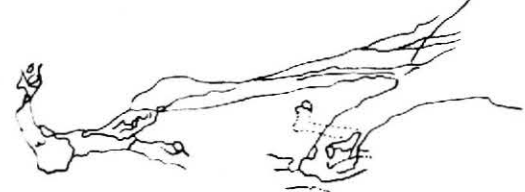
Com a chegada de dois outros colegas, completamos a equipe que foi dividida em 3 para os trabalhos do dia seguinte (3.ª feira).

Três novatos aproveitaram a oportunidade de conhecer a caverna de Santana, voltando para São Paulo na 4.ª feira. O restante do pessoal foi dividido em 2 equipes de 4 pessoas que se dirigiram à Caverna Ouro Grosso, uma pela Abismo Michel Le Bret e outra pela Gruta Pierre, próxima à ressurgência.

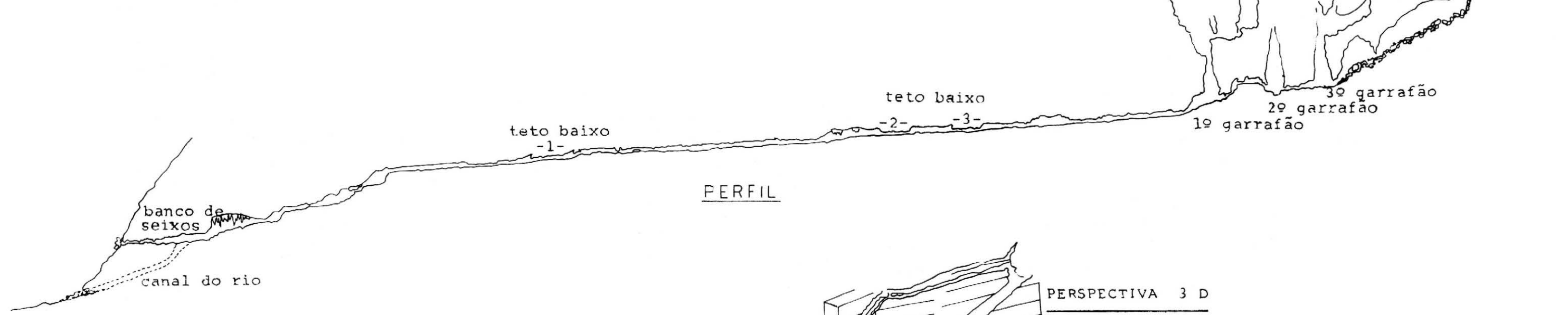
A equipe que penetraria o abismo, formada por Beck, Pizza, Martin e Edson, foi planejada de modo a acampar na entrada da Gruta, só voltando ao alojamento após o final da exploração. O sr. Vandir, guia da região, levou os até a entrada superior e após a montagem do acampamento e preparativos gerais, teve início a exploração. Desde o princípio houve problemas com um equipamento individual, o que fazia com que um dos participantes estivesse constantemente sem iluminação. Uma série de problemas envolveram a exploração, sendo o principal deles a falta de escadas espeleológicas, cuja soma de 60 m não foi o suficiente para que atingissem algum patamar de onde pudessem ser atingido, em escalada, o fundo do abismo. Apesar da insistência na procura de outras descidas possíveis, nada encontraram e na 6.ª feira voltaram para o alojamento.

SUMIDOURO - OURO GROSSO

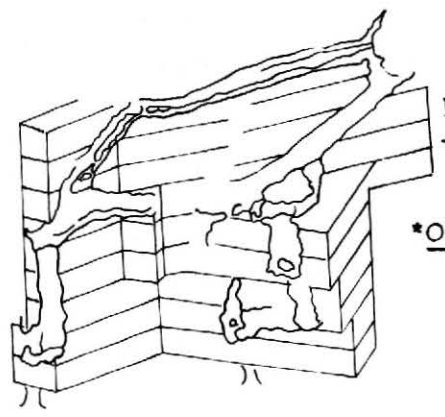
Perfil - Vista Superior



PLANTA



PERFIL



PERSPECTIVA 3 D

SUMIDOURO  
\*OURO GROSSO\*

A outra equipe contava com Geraldo (Peninha), Ceccolini, Pedro e eu. Entramos pela Gruta O.G. e desenvolvemos aproximadamente 200 m de exploração. Aproveitando o apoio de madeira deixado pela equipe de preparação, ultrapassamos a 1.ª grande cachoeira, não sem antes eu ter escorregado na parede lisa e ficar pendurado sobre o poço. Ali deixamos uma escada de 10 m que facilitava a ultrapassagem de ida e volta que fazíamos diariamente. Nessa primeira incursão permanecemos 7 hs na gruta, saindo antes do anoitecer, bastante cansados, principalmente por enfrentarmos várias cachoeiras e longos trechos de natação em água bastante fria.

Imaginando um período de exploração maior e esperando o constante contato com o frio da água, resolvemos mudar o horário, da próxima saída, para a noite e não na manhã do dia seguinte. Dessa maneira, após 16 hs de exploração, saímos da gruta encontrando sol claro. Desta vez completamos a exploração até encontrarmos o fundo do Abismo Michel Le Bret onde esperávamos encontrar a outra equipe.

A gruta se estendia quase que somente como um conduto do rio, sem salões laterais ou superiores e rara ornamentação. Era uma seqüência extremamente cansativa de escaladas e trechos de água profunda. O mais marcante era a travessia das quedas d'água que se sucederam em número de 12 sendo 3 delas grandes cachoeiras de até 7 m de queda, de ultrapassagem difícil uma vez que eram antecedidas de poços profundos, com paredes escorregadias e sem apoios. A 2.ª grande cachoeira, a do Leque, devido a forma da queda que se abre em leque, foi vencida escalando-se uma chaminé anterior ao poço e ultrapassando-a por cima em "tesouras" e aderências laterais. As mochilas foram alçadas posteriormente, por cordas.

Nessa incursão ainda não fazíamos a topografia e apesar de nos esforçarmos em observações quanto à biologia da Gruta, com raríssimas exceções, nada foi observado e exceto alguns opiliões, uma ou outra aranha e 2 girinos, a gruta nos pareceu estéril sob o aspecto biológico.

A exploração se desenvolvia cansativa e um problema que de nos esforçarmos em observações quanto à biologia da das quedas d'água, que nos obrigava a gritar para sermos ouvidos pelos companheiros.

A 3.ª grande cachoeira, ponto onde havia parado o grupo do C.E.U., e no ano de 1962 também a turma do CAP, que até então mais tinha avançado na gruta, a princípio nos assustava, para não dizer, desiludia: um poço profundo com 4 m de diâmetro recebia o jorro d'água que descia de 9 m arrebatando-se em um patamar a aproximadamente 2 metros abaixo e se despejando sobre blocos de pedra no poço. A parede à direita era, a princípio, possível de ser escalada. Pela esquerda, alguns poucos apoios permitiam que se atingisse com a mão o ponto onde iniciava a queda da água, sem no entanto, existir chance, por falta de apoio, de ultrapassá-lo. Ceccolini fez a princípio a primeira tentativa. Eu e o Peninha cuidávamos da segurança e da iluminação com lanternas. A água que borriava apagava a chama do capacete e o Ceccolini se via em posição arriscada e após várias tentativas desistiu. O Peninha foi o segundo a tentar. Com um lance de "tesoura" que ficou histórico, conseguiu alcançar o degrau após o ponto onde arrebatava a água e de lá atingir o topo. Através da corda de segurança lhe enviamos um rolo de escada e após sua fixação subimos pela mesma.

Após essa cachoeira a exploração se desenvolveu sem grandes problemas encontrando como maiores dificuldades apenas algumas fendas estreitas e vários "tetos-baixos" que nos obrigavam a ultrapassá-los ajoelhados e até mesmo deitados. Em uma dessas passagens Ceccolini sofreu um ferimento no joelho que veio impedir que nos acompanhasse na próxima incursão à gruta 2 dias após.

Próximo ao fim da gruta encontramos o primeiro "garrafão", que com uma base de 8m de diâmetro, alcançava aproximadamente 40 m de altura. Do alto desse cone escorria um filete de água. Esse era o último orifício do Abismo Le Bret. Pesquisando por uma fenda na parede lateral, encontrei uma chaminé que nos ligou com outros dois garrafões. Sob o segundo abismo encontramos as pegadas e restos de embalagens de chocolate, que a princípio acreditei ser da segunda equipe, mas depois confirmei serem marcas de exploração de Michel Le Bret em 1967.

A volta foi bastante acidentada principalmente para Pedro que, na cachoeira do Leque, descendo em rapel com 8, ficou preso, em pêndulo, impedido de descer ou subir. Na descida da 1.ª grande cachoeira, um descuido fez com que a escada se deslocasse para o jorro d'água (6m de queda) e o Pedro foi atirado ao poço em "looping" sem no entanto se ferir. Molhado e assustado se despediu da gruta e não mais voltou.

Retornando ao acampamento, procuramos encontrar uma corrente ou corda de nylon que pudessem substituir as escadas que haviam ficado na gruta. Não conseguindo, fomos até a cidade de Iporanga, a 15 km dali e lá compramos as cordas necessárias. A cidade estava em festa: fora instalado o serviço de água potável e se comemorava com um churrasco, do qual participamos.

No dia seguinte a segunda equipe retornou a São Paulo e Pena e eu nos vimos face a difícil decisão de voltar à gruta apenas em dois. Sabíamos que por motivos de segurança não devíamos fazê-lo. No entanto havíamos deixado na gruta escadas e equipamentos individuais; a exploração tinha terminado, conhecíamos a gruta e sabíamos quais os problemas que apresentava; tínhamos a obrigação moral e chance **momentânea** de topografarmos a mesma; não sabíamos quando teríamos outra oportunidade de voltar ao local. Pensamos tudo e resolvemos nossa última incursão à gruta. Partimos no sábado pela manhã, após uma cuidadosa observação quanto à perfeição de funcionamento e segurança do equipamento.

Foram 11 horas de escuro, repleto de acidentes. Já de início meu macacão se rasgou completamente nas costas. Durante o trecho de aderência lateral inclinada por choques com as lâminas de calcário minha mochila teve um furo no fundo e a lata com reserva de carbureto que estava nela virou-se e se abriu. Ao atingir o poço da 1.ª cachoeira o fundo da mochila mergulhou na água e esta, entrando, reagiu com o carbureto, produzindo acetileno que foi acumulando na mochila. Ao notar o calor da reação, parei e tentei com cuidado interrompê-la. O gás, despreendido, tocado pela chama do capacete, explodiu. Muito susto, cheiro de cabelo queimado e um esfriamento nos ânimos, no entanto, passageiro. Após a subida da 1.ª cachoeira a lanterna de pilhas do Peninha apagou e não mais voltou a funcionar.

Confessamos um ao outro nossa vontade de voltar atrás, mas no momento nem sequer uma palavra sobre isso dissemos. Externamente parecíamos calmos e continuávamos fazendo a topografia. Também isso não era fácil; só nos ouvíamos aos gritos; a água carregava a trena e molhava a caderneta; as constantes curvas da gruta diminuíam o tamanho das visadas e tornavam o serviço mais demorado.

Ainda na ida fiquei em situação desesperadora. O Peninha atravessou "por cima" um trecho de água funda que antecipava uma pequena cachoeira, mas eu resolvi fazê-lo por água e uma vez tendo entrado no poço só existia uma saída: a cachoeira.

Não existia um só apoio onde eu pudesse me firmar para vencer a força da água me jorrando no peito. O Peninha veio me ajudar e após travar as pernas entre as rochas tentou me segurar com as mãos, mas elas escorregavam. O barulho era ensurdecedor. Eu lhe gritava pedindo que tentasse esticar uma perna na minha direção, onde seria mais fácil me segurar. Ele tentava mas a água lhe tirava o equilíbrio, até que num esforço limite me agarrei à sua perna e com sua ajuda consegui, apesar da força da água, me içar para um local seco. Não nos olhávamos, nem nada dissemos em 15 minutos de descanso, ali mesmo.

Sem outros problemas topografamos a gruta até seu final.

Na volta, no mesmo local onde acontecera o último acidente, atravessando a cachoeira e o poço em nível bem superior aos mesmos pela técnica de "tesouras", partiu-se um apoio e Peninha despencou mergulhando inteiramente no poço. A chama de seu capacete apagou-se e o isqueiro molhado não tornava a acendê-la. Eu que vinha "tesoura" pouco atrás tentava iluminá-lo para que pudesse atingir um local raso. Com sua afirmação de que estava tudo bem, apesar de não ter ainda conseguido acender a chama, continuei a ultrapassar a fenda. Minha chama também se apagou. Consegui livrar u'a mão e com ela acender e colocar entre os dentes a presilha da lanterna e com a boca direcionava o fecho de luz, clareando novos apoios. Dois passos após, quebra-se a presilha e a lanterna ainda acesa, despenca-se mergulhando na água profunda. Devo confessar que foi uma sensação entre choque e encantamento, acompanhar o movimento submerso do fecho de luz até se perder no fundo entre algumas pedras. O Peninha ainda não havia conseguido iluminação. Os fósforos que levava também tinham se molhado todos. Não houve outra maneira; tive que tateando descobrir novos apoios e continuar a travessia, sob pena de, caso contrário, me cansar da posição bastante desconfortável, perder as forças e cair. Quando o Peninha conseguiu iluminação eu estava sobre ele.

Exceto as imagináveis dificuldades em retirar as escadas das cachoeiras, trocando-as por cordas de nylon, com várias lançadas (zelhas) e descer pelas mesmas, não encontramos outros problemas.

Sãos e salvos, fisicamente, fomos sentindo aos poucos as pupilas se inundarem de luz. A selva lá fora nos parecia linda como nunca antes. Os pássaros eram bem mais sonoros que as cachoeiras. As cores se revestiam de vida. O sol aquecia nosso sorriso. Era realmente uma sensação nova e marcante. Poucas vezes o inútil é tão caro e compensador.